

Boa parte dos romances da escritora Ana Miranda revela o crescente interesse pela temática histórica na ficção contemporânea. Além de *Boca do Inferno* (1989), nos romances *O retrato do rei* (1991), *A última quimera* (1995), *Desmundo* (1996), *Amrik* (1997), *Clarice* (1999) e *Dias e Dias* (2002), a autora elabora temas históricos, fazendo-os ocupar o centro da narrativa. No entanto, Ana Miranda é uma ficcionista e traz, em sua bibliografia, romances puramente ficcionais (ou seja, não fazem da mimese do discurso histórico o centro da narrativa) como, por exemplo, *Sem pecado* (1993) e *Caderno de sonhos* (2000). Além destas, há ainda um livro que é uma coletânea de poemas freiráticos, e, portanto, resultado de uma pesquisa literária, mais do que a ficcionalização desta pesquisa. Estamos falando de *Que seja em segredo* (1998). Em todas as obras da autora, apesar da variação em sua qualidade literária, é possível perceber um minucioso trabalho sobre a figura feminina e o seu “poder” sexual e intuitivo sobre a figura masculina.

Nota-se também que o histórico em suas obras é quase sempre narrado de maneira biográfica. Isto se dá mais claramente em *Boca do Inferno* e em *A última quimera*, em que justamente os biografados são cânones da literatura brasileira (Gregório de Matos e Augusto dos Anjos), trazendo para o interior da obra uma discussão que se origina no posicionamento histórico dos poetas, passa por suas individualidades (sua história individual) e alcança a crítica literária canonizadora. A mais recente publicação romanesca de Ana Miranda, *Dias e Dias* (Companhia das Letras, 243 p.), segue esta mesma trilha, narrando os dias de Gonçalves Dias, através do olhar romântico de Feliciano.

Os romances em que a autora utiliza o discurso biográfico trazem a marca da apropriação do estilo de cada um dos escritores biografados. É o pastiche do estilo de Gregório de Matos, Augusto dos Anjos, Clarice Lispector e Gonçalves Dias amarrado a uma perspectiva histórica atual e questionadora o que torna estes romances interessantes. Ao ser entrevistada, Ana Miranda sempre diz que o escritor, parece-lhe, está sempre a escrever a mesma coisa. Mas, uma leitura mais aprofundada de seus romances pode revelar-nos coisas bastante diversas.

Inspirado na poesia “Dias após dias” de Rubem Fonseca, o romance *Dias e Dias* constrói a vida do poeta romântico, revelando detalhes pessoais. O conhecimento destes detalhes por Feliciano, uma personagem inventada, se dá

pelas das cartas do poeta enviadas a seu grande amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal. Estas cartas, freqüentemente citadas no romance, criam uma ilusão de realidade, fazem o leitor esquecer-se da ficcionalidade de Feliciano e de outros personagens que têm existência apenas no romance, colocando-os no mesmo plano de existência de Alexandre Teófilo e Gonçalves Dias.

Feliciano parece ser a própria incorporação do espírito romântico oitocentista, é uma memória ambulante que transforma Gonçalves Dias num ser etéreo, intocável e, ao mesmo tempo, tão presente. Feliciano é o sabiá, com toda a sua brasilidade, preso na gaiola com saudades do poeta romântico nacionalista.

Por outro lado, o romance parece representar justamente a soltura do sabiá, quando apresenta o nacionalismo romântico como parâmetro para uma proposta nacionalista atual. O romance de Ana Miranda está entre aqueles romances da atualidade que apresentam um olhar para dentro do Brasil, focalizando sua arte, sua história, sua cultura, numa busca insistente, neste momento, por uma forma de conhecer ou de reconhecer uma identidade brasileira que se reconstrói por meio da história (literária, no caso de *Dias e Dias*) e que traz consigo um movimento e um sentimento de nação. O sabiá, neste sentido, surge no romance como símbolo desta brasilidade presente tanto nos poemas de Gonçalves Dias quanto nos romances da atualidade, ainda que de modo bastante diverso.

Este é um romance que se diferencia de *Boca do Inferno* (1989) por este retorno nacionalista, pelo maior destaque dado ao discurso biográfico e pelo amadurecimento criativo. As notas da autora, ao final do romance, são menos referências bibliográficas do que indicações que auxiliariam o leitor no reconhecimento do caráter documental de seu texto. Por outro lado, estas indicações mostram um caminho para a reescrita ou, pelo menos, para a reconstrução do romance pelo leitor e, para que ele não considere o texto uma colagem irresponsável dos textos de Gonçalves Dias, a autora avisa que “poesias e cartas de Gonçalves Dias foram incorporadas à expressão da narradora. Os fragmentos não estão destacados”.<sup>1</sup> Vemos, assim, que talvez não tenha sido apenas o grande sucesso do seu romance de 1989, que vendeu 50.000 exemplares, o motivo pelo qual Ana Miranda investe nesta nova e mesma produção, mas também há nesta realização uma busca pela representação de um nacionalismo re-emergente. Além disso, *Dias e Dias*, assim como *A última quimera*, não pode deixar de ser considerada uma grande realização apenas por fazer parte de um mesmo tipo de construção inaugurada pelo *Boca do Inferno*. Ao contrário, pede uma análise mais profunda, considerando o percurso produtivo da autora.

1 MIRANDA, A. *Dias e dias*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. 243 p.

Estas obras ilustram os romancistas da atualidade que, ao tratarem da história, são ficcionistas e historiadores que entram pelas fendas da história, aproveitando-se da liberdade do mundo ficcional para reescreverem fatos canonizados pela história. E a história do Brasil e de brasileiros surge, nestes romances, como relato de experiências que nos apresentam o ser brasileiro. A identidade que ora se descreve nestes romances, parte antes da questão “por que somos?” do que da questão “o que somos?” Por isso, é preciso refletir sobre questões históricas e reconstruir uma ponte de ligação entre passado e presente, sem pensar que esta ponte nos leve a conhecer o passado apenas, mas que nos leve a reconhecer, no presente, a trama dos acontecimentos do passado. Esta ponte é o romance enquanto espaço onde é possível transplantar imagens através do jogo ficcional.

Eunice de Moraes